



PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR BENJAMIN PADOA

CARVALHO¹, Arielen Barreto; ALVES², Anderson Ortiz; VENDRAME³, Simone Moreno Rubio

¹Escola Municipal Professor Benjamin Padoa, Licenciada em Ciências Biológicas, Alta Floresta, MT. e-mail: arielen19@gmail.com

²SECITECI Secretaria de Estado de Ciência Tecnologia e Inovação, Mestre em Física Ambiental, Alta Floresta, MT. e-mail: andersonbio@hotmail.com

³Escola Municipal Professor Benjamin Padoa, Professora, Alta Floresta, MT. e-mail: simone_vendrame@yahoo.com.br

Seção temática: Educação

Resumo: Nas relações que se estabelecem na sociedade brasileira é possível perceber que, continuam a classificação, por cor. É possível ver muitas pessoas ainda apoiando-se em teorias racistas difundidas no século XVIII para incluir/excluir pessoas de acordo com sua cor, na escola estas atitudes não são diferentes, pois é onde encontra espaço para crescer e disseminar, perpetuando atitudes do passado e gerando sofrimento e prejuízo escolar. Este trabalho objetivou identificar a presença de preconceito racial entre os alunos da escola e ainda, as ações que a escola desenvolve para coibi-lo, portanto foi realizado 60 entrevistas, elaboração de gráficos estatísticos e apresentação dos resultados. Tem importância na esfera escolar devido a escola ser base formadora de um indivíduo na sociedade e, possibilitou comprovar a existência de práticas preconceituosas de várias formas, inclusive, mascaradas na forma de "brincadeiras". Quanto às ações da escola, percebeu-se que ainda não são suficientes.

Palavras chave: Racismo; educação; estudantes.

RACIAL PREJUDICE IN MUNICIPAL SCHOOL TEACHER BENJAMIN PADOA

Abstract: The relationships that are established in Brazilian society it can see that, continue to classification by color. You can see many people still leaning on racist theories widespread in the eighteenth century to include / exclude people according to their color in school these attitudes are not different because it is where you will find room to grow and spread, perpetuating the past attitudes and causing suffering and school underachievement. This study aimed to identify the presence of racial prejudice among school students and also the actions that the school develops to restrain it, so was conducted 60 interviews, preparation of statistical graphics and presentation of results. It is important in the school sphere because the school is forming the basis of an individual in society and made it possible to prove the existence of prejudicial practices in several ways, including, disguised as "jokes". As for the school's actions, it was realized that are still not enough.

Keywords: racism; education; students.



INTRODUÇÃO

Nas relações que se estabelecem na sociedade brasileira é possível perceber que, ainda hoje, as pessoas continuam a ser classificadas, valorizadas ou não, por conta de sua cor. Pelas atitudes do povo brasileiro é fácil intuir que muitas pessoas ainda se apoiam em teorias racistas para construir seu círculo de amizades, para selecionar funcionários, para incluir (ou não) as pessoas nos espaços educativos, para respeitar direitos já discutidos e adquiridos pela população negra no Brasil.

A partir do século XIX, começam a ser disseminadas, na Europa e nos Estados Unidos, teorias racistas que hierarquizando os seres humanos, (MÜLLER, 2010). Afirmando que a espécie humana era constituída por raças desiguais, referindo-se à capacidade intelectual e ao desenvolvimento das características morais. Estas teorias ainda afirmavam que os brancos eram mais desenvolvidos, os amarelos estariam num nível intermediário e os negros estariam no nível mais inferior deste desenvolvimento, teoria que foi refutada a partir das descobertas possibilitadas pelos estudos acerca do genoma humano. Contudo o pensamento racial brasileiro já estava consolidado e o preconceito racial já estava impregnando as mentes e os corações da população brasileira.

O conflito e a discriminação raciais na escola não se restringem às relações interpessoais. Os diversos materiais didático-pedagógicos – livros, revistas, jornais, entre outros – utilizados em sala de aula, que, em geral, apresentam apenas pessoas brancas com e como referência positiva, também são ingredientes caros ao processo discriminatório no cotidiano escolar. A utilização de recursos pedagógicos com esse caráter remonta a socialização racista, marcadamente branco-eurocêntrico e etnocêntrico, que historicamente enaltece imagens de indivíduos brancos, do continente europeu e estadunidense como referências positivas em detrimento dos negros e do continente africano (CAVALLEIRO, 2005).

A educação constitui-se um dos principais ativos mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias dos grupos e minorias (BRASIL, 2013).

Na esfera do simbólico desenvolve na consciência e no imaginário coletivo uma carga de significados pejorativos sobre e desarticulando qualquer possibilidade de uma unidade positiva e valorativa da imagem negra (RAMOS, 1957). Dessa maneira, promover um pensar positivo sobre a identidade negra, com a valorização da diversidade etnicorracial que enriqueça o país, por meio de instigações para o respeito e exaltação das características que a configuram e para a ascensão da autoestima desses estudantes, de forma a contribuir para o êxito no processo educativo por entender que “a questão da raça e da etnia” não é simplesmente um “tema transversal”: ela é uma questão central de conhecimento, poder e identidade” (SILVA, 2005).

Esse comportamento racista gera muito sofrimento e prejuízo à população negra e, na escola, é possível perceber quanto ainda temos que discutir a respeito disso para que possamos evoluir para uma sociedade justa e igualitária, com isso o objetivo foi identificar a presença de preconceito racial entre os alunos da escola e ainda, as ações que a escola desenvolve para coibi-lo, tendo em vista que este



trabalho é de suma importância na esfera escolar devido a escola ser base formadora de um indivíduo na sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado na Municipal Benjamim Padoa, localizada na Avenida Ariosto da Riva, 3575, centro da Cidade de Alta Floresta, situada no extremo norte do estado de Mato Grosso. A população do município é composta por 49.877 habitantes e possui superfície territorial de 8.976,204 km² (IBGE, 2015). Apresenta clima tropical chuvoso, em que pode alcançar elevados índices pluviométricos no verão (2.750 mm) com temperatura média anual de 26°C variando de 20°C a 38°C (FERREIRA, 1997). Com uma área de 29,452 Km², o perímetro urbano estudado encontra-se situado no município de Alta Floresta que se localiza entre as coordenadas 56°30' a 57°00' de longitude W e 9°00' a 11°00' de latitude S, distante a 820 km da capital, Cuiabá.

O trabalho foi desenvolvido em quatro momentos, no primeiro houve conversas abertas ao diálogo e aulas expositivas que fundamentaram os alunos a respeito do que é racismo, suas origens, suas causas, seus efeitos, e como pode ser combatido. No segundo decidiu-se a aplicação do questionário e a elaboração do mesmo, baseando-se em informações do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no entanto quando os alunos responderam como se auto denomina em relação a cor, surgiu mais um dado a ser adicionado, que não está incluso no questionário do IBGE, conforme os resultados e gráfico, relatados neste trabalho. Então no terceiro momento aplicou-se o questionário previamente estruturado, em uma amostragem de 5 alunos de cada turma de 4^o ao 9^oanos, sendo algumas séries com mais de uma turma, totalizando 60 entrevistas.

No quarto e último momento, os professores orientadores do trabalho trouxeram os resultados dos dados obtidos a partir do questionário na forma de porcentagem, apresentado o resultado final do trabalho.

Quando a temática foi discutida em sala, tanto alunos negros como não negros, concordaram que seria necessário fazer uma investigação para verificar se esta prática era recorrente na escola, assim se fez necessário, descobrir se há racismo entre alunos na E. M. Prof. Benjamin Padoa e como a escola se comporta perante os casos que existem, e ainda elaboraram perguntas pertinente a forma como é disseminada entre os alunos agressores e as vítimas de racismo.

Após a coleta de dados foi realizado a sistematização dos mesmos estabelecendo relações pertinentes e necessárias para a análise crítica e discussão dessa relação, com teoria de acordo com o tema trabalhado foi elaborado os cálculos de porcentagem e apresentados na escola e no município na feira do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as aulas expositivas a respeito do que é racismo, suas origens, causas, efeitos, e como pode ser combatido, os alunos sob orientação dos professores aplicaram o questionário previamente estruturado na forma de entrevista.

Quando os alunos foram questionados, baseando-se no questionário do IBGE, como ele se auto denomina. Conforme figura 1, dos 60 alunos entrevistados 30%

responderam branco, 23,33% preto, 23,33% pardo, 6,66% amarelo, 8,33% indígena e 8,33% moreno; no entanto não havia a opção “Moreno”, porém, alguns alunos acrescentaram esta informação por ser importante destacar que é a forma como cada pessoa se auto denomina.

De todos os entrevistados 54% disseram que já praticou racismo na escola com outro colega, sempre relatando que na forma de brincadeira, não levando em consideração a opinião de quem recebeu o insulto.

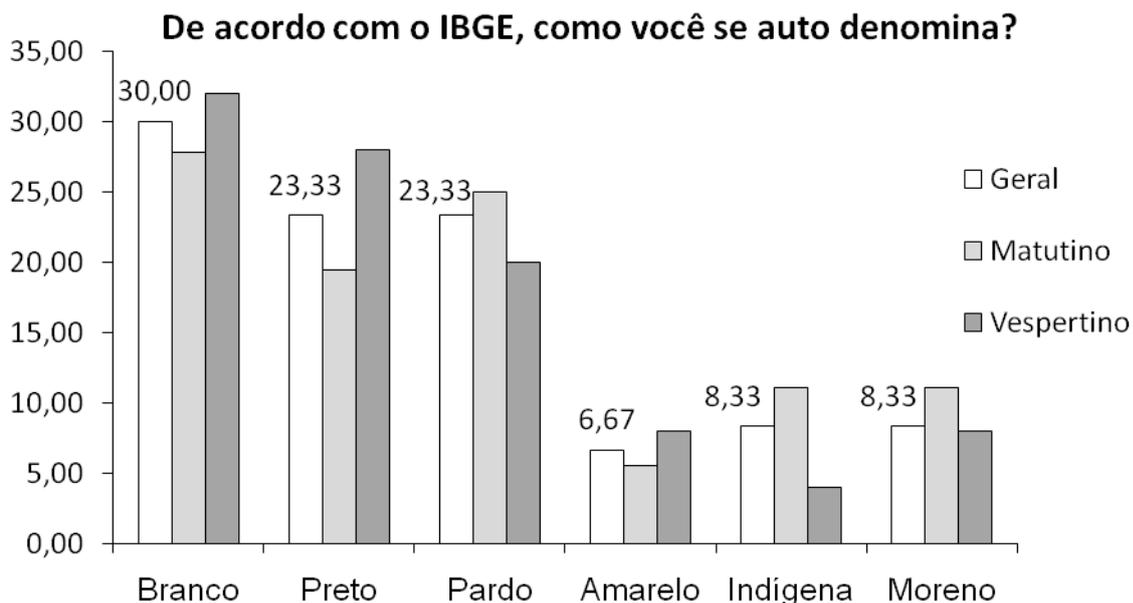


Figura 1. Representa, em percentual, como os alunos se auto denominam, de acordo com os dados obtidos a partir do questionário com os 60 alunos.

O Racismo no Brasil existe desde há muito tempo, praticamente há mais de 500 anos. As práticas sociais estão impregnadas dele e sabe-se, também, que, se a escola não promove/incentiva sua prática é, neste espaço educativo, onde mais se percebe seus efeitos nefastos nas pessoas que sofrem com a discriminação racial que vão, desde uma tristeza profunda à extrema dificuldade de aprendizagem e conseqüente abandono dos estudos. Os alunos negros do 8º ano A, dessa escola, relatam que, muitos colegas se referem a eles (através de “brincadeiras”), atribuindo-lhes características e apelidos constrangedores por conta de sua cor,

Ao final do trabalho de investigação (análise dos questionários) descobriram que: sim, há racismo na escola e ele se apresenta de várias formas seja através de apelidos jocosos, seja nos xingamentos, seja na humilhação por conta da cor das pessoas e até ao seu isolamento por parte dos colegas. Perceberam que nem todas as pessoas que presenciam ou sofrem com o racismo denunciam o fato.

Quanto à atuação da escola diante das denúncias, em sua maioria, os casos têm sido tratados com diálogo, mas, nem sempre resolve o problema. Alguns alunos citaram as aulas de Valores Humanos como um espaço onde se discute conteúdos como igualdade, respeito e direitos, contudo, consideram que essas discussões



ainda não surtiram o efeito desejado, pois, o racismo não é tratado como foco principal.

CONCLUSÕES

Após a realização do estudo a respeito do preconceito racial na escola, os alunos pesquisadores, concluíram que essa pesquisa foi de muita valia para que pudessem construir conhecimentos acerca da temática, fortalecer os vínculos entre eles e, ainda verificar a veracidade de suas hipóteses.

Esse comportamento racista gera muito sofrimento e prejuízo à população negra e, na escola, é possível perceber quanto ainda temos que discutir a respeito disso para que possamos evoluir para uma sociedade justa e igualitária. Enfim, concluiu-se que o caminho para o combate ao racismo nesta escola, ainda é longo, mas, que é necessário levar a temática para discussões posteriores na tentativa de minimizar o racismo e seus resultados nocivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL - MEC. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, Ministério da Educação, 2013. 562 p.
- CAVALLEIRO, E. Introdução. In: SECAD - Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 11-18.
- FERREIRA, J.C.V. **Mato Grosso e seus municípios.** Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura, 1997. 660 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Mato Grosso:** Alta Floresta. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=510025&search=%7Calta-floresta>>. Acesso em: 26 jun. 2015.
- MÜLLER, M.L.R. **Pensamento social brasileiro e a construção do racismo.** 2. ed. Cuiabá: UAB/ EdUFMT, 2010. 29p.
- RAMOS, G. **Introdução crítica à sociologia brasileira.** Rio de Janeiro: ANDES, 1957. 72 p.
- SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 156 p.